

RELAÇÃO SI MESMO E POSICIONAMENTO NA NARRATIVA DE UNIVERSITÁRIOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECÍFICAS

SELF RELATIONSHIP AND POSITIONING IN THE NARRATIVE OF UNIVERSITIES WITH SPECIFIC EDUCATIONAL NEEDS

RELACIÓN CON SÍ MISMO Y POSICIONAMIENTO EN EL NARRATIVO DE UNIVERSITARIOS CON NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECÍFICAS

Mônica Oliveira Ribeiro *,**
mo.ribeiro@hotmail.com

Valéria Marques de Oliveira ***
valeriamarques@ufrjr.br

*Mestre em Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/RJ – Brasil

** Psicóloga Clínica, DesenvolverSer, Resende/RJ - Brasil

*** Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/RJ – Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar a relação entre os conceitos de Si mesmo e Posicionamento de universitários com Necessidades Educacionais Específicas (NEE) decorrente de pesquisa realizada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Entrevistas Narrativas (NE) foram realizadas com quatro universitários com NEE sobre possíveis barreiras internas vivenciadas na Educação Superior, relacionadas ao processo de identificação ou não identificação com o contexto acadêmico e com o processo de socialização e de posicionamento. Discutir-se-á como o posicionamento do sujeito influencia na autopercepção, assim como a autopercepção fomenta diferentes posicionamentos em contextos, enquanto processo dinâmico, aberto e sistêmico. Pretende-se que esta pesquisa possibilite elementos para análise sobre como os universitários com NEE produzem reflexões orientados a caminhos e possibilidades, que oportunizem um processo de educação genuíno e emancipador. Este estudo aponta para a potência das narrativas, a força das palavras e atos, bem como a relevância do posicionamento em processos de percepção de si para legitimar direitos e deveres.

Palavras-chave: Si mesmo; posicionamento; narrativa; universitários com necessidades educacionais específicas

Abstract

The objective of this article is to present the relationship between the concepts of Self and Positioning of university students with Specific Educational Needs (NEE) resulting from research conducted at the Federal Rural University of Rio de Janeiro. Narrative interviews (NE) were carried out with four university students with NEE on possible internal barriers experienced in Higher Education related to the identification process or not identification with the academic context and the socialization and positioning process. It will be discussed how the subject's position influences self-perception, just as self-perception fosters different positions in contexts, as a dynamic, open and systemic process. The aim of this research is to provide elements for the analysis of how students with NEE produce reflections oriented to paths and possibilities that allow a process of genuine and emancipatory education. This study points to the power of narratives, the strength of words and acts, as well as the relevance of the positioning in processes of self-perception to legitimize rights and duties.

Keywords: self - positioning - narrative - university students with specific educational needs

Resumen

El objetivo de este artículo es presentar la relación entre los conceptos de Autoevaluación y Posicionamiento de estudiantes universitarios con necesidades educativas específicas (NEE) como resultado de una investigación realizada en la Universidad Federal Rural de Río de Janeiro. Entrevistas Narrativas (NE) se realizaron con cuatro estudiantes con NEE sobre posibles barreras internas experimentadas en la educación superior, relacionados con el proceso de identificación o no la identificación con el contexto académico y el proceso de socialización y posicionamiento. Se discutirá cómo la posición del sujeto influye en la autopercepción, al igual que la autopercepción fomenta diferentes posiciones en contextos, como un proceso dinámico, abierto y sistémico. El objetivo de esta investigación es proporcionar elementos para el análisis de cómo los estudiantes con NEE producen reflexiones orientadas a caminos y posibilidades que permiten un proceso de educación genuina y emancipatoria. Este estudio señala el poder de las narrativas, la fuerza de las palabras y los actos, así como la relevancia del posicionamiento en los procesos de

autopercepción para legitimar los derechos y deberes.

Palabras clave: Sí mismo; posicionamiento; narrativa; estudiantes universitarios con necesidades educativas específicas

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva apresentar a relação entre os conceitos de Si Mesmo e o Posicionamento, dialogando com Bruner (1997, 1998) e Harré (HARRÉ; GILLET, 1999; DAVIES; HARRÉ, 2007; VAN LANGENHOVE, HARRÉ, 2016). Para tanto, usamos como base uma pesquisa, de caráter fenomenológico, que investigou como universitários com necessidades educacionais específicas (NEE) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) se identificam e se posicionam no contexto acadêmico, especificamente.

Foram entrevistados quatro estudantes universitários com NEE de diferentes cursos e períodos: dois estudantes com deficiência visual – José e Joana, um estudante com deficiência auditiva - Antônio e o um estudante com deficiências múltiplas - Pedro. Para coleta de dados foi utilizada a Entrevista Narrativa (EN), na qual a entrevista flui livremente, sem perguntas previamente formuladas (GERMANO, 2009). Estas entrevistas tiveram uma duração média de 75 minutos cada. A análise narrativa é muito mais que uma mera interpretação, na qual se faz necessário uma observação contextualizada da narrativa, em suas inúmeras possibilidades.

Utilizamos a análise da narrativa como metodologia, à luz da perspectiva sociocultural, na qual a interação entre o sujeito e o contexto exerce influências significativas na sua subjetividade, assim como nas suas narrativas e posicionamentos. Foram analisadas as narrativas transcritas integralmente das entrevistas.

De acordo com o Censo Escolar Nacional do ano de 2014 (BRASIL, 2015), o número de estudantes com NEE matriculados em escolas regulares na Educação Básica, cresceu de forma expressiva. Isto denota a importância dos estudos e pesquisas sobre o ingresso e permanência desse alunado nas universidades, uma vez que essas instituições receberão cada vez mais estudantes com NEE.

A vivência na Educação Básica regular evidenciou-nos que não são poucas as barreiras que um estudante com necessidades educacionais específicas necessita superar. Contudo, não é intenção neste estudo, versar sobre as barreiras exteriores ao indivíduo, como por exemplo, as barreiras político-pedagógicas, barreiras arquitetônicas, barreiras relacionadas à formação dos docentes, entre outras. Mas sim, investigar e refletir sobre as possíveis barreiras que o universitário com NEE pode trazer consigo

mesmo, resultantes de uma trajetória de exclusão, relacionadas ao processo de identificação ou não identificação com o contexto acadêmico, com o processo de socialização e de posicionamento. Barreiras relacionadas com a conquista do seu lugar como universitário, com todos os seus direitos garantidos.

Inicialmente serão apresentados os dois conceitos base, Si Mesmo e Posicionamento, e depois sua aplicação ilustrada nas narrativas dos entrevistados.

CONCEITO DE SI MESMO - A AUTOPERCEPÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA CULTURAL DE BRUNER

Bruner (1997) questiona se o Si Mesmo tem uma relação com o essencialismo do sujeito. O Si Mesmo seria uma substância pré-existente a ser descoberto apenas? Assim, o conceito de Si Mesmo é construído justamente para responder essa pergunta e para investigar esse aspecto; o que seria essa “essência humana”. Começou-se a pensar um Si mesmo interacional, ou seja, a construção do Si mesmo dando-se na interação com o outro. O Eu se consolidando em um processo de diálogo com o outro, o Si mesmo como um processo de construção contínua.

Na visão do autor, o sujeito se constitui a partir da sua relação com o outro e com a cultura. O sujeito pensa e age de forma contextualizada, sempre em negociação com o outro. Conforme a teoria do contextualismo transacional utilizada pela sociologia e antropologia, a aquisição do conhecimento não acontece de dentro para fora e a realidade do sujeito não se encontra isoladamente na mente, nem fora dela (BRUNER, 1997). A aquisição do conhecimento sucede pelas experiências sociais, mediante a troca, a interação com o outro. Assim, a realidade do sujeito é uma realidade social, negociada e distribuída, o “eu” passa ser um “eu distributivo”, um “eu” para além da consciência privada, um “eu-histórico-cultural”.

Esse “eu” é denominado pela psicologia cultural e endossado por Bruner como o Si mesmo contextualizado, situado; que se constrói tanto de dentro para fora, quanto de fora para dentro; tanto da cultura para a mente quanto da mente para a cultura, numa via de mão dupla. O posicionamento do sujeito no cenário social tem uma relação íntima com o contexto. Diante de um ambiente hostil, o sujeito pode se perceber e se posicionar de um jeito diferente do que se estivesse em um ambiente que lhe proporcionasse segurança. A imagem que um sujeito constrói dele mesmo tem uma relação significativa com a imagem que o outro demonstra ter dele. “No sentido distributivo, o Si mesmo pode, pois, ver-se como um produto das situações em que opera, a ‘colmeia das suas participações’, como Perkins afirma”. (*apud* BRUNER, 1997, p. 96).

O autoconceito é formulado sob uma grande influência da cultura em que o sujeito está inserido. A questão é saber quais são as “regras” segundo as quais o sujeito constrói e negocia sua realidade social e como ele apresenta o Si mesmo aos outros Si mesmos. Bruner (1997) faz a comparação de que assim como o conhecimento fica preso na rede da cultura, também o Si mesmo se deixa emaranhar numa rede de outros. A forma de conexão dessa rede se dá por meio da narrativa. O Si mesmo é um produto da própria narrativa e da narrativa do outro. É mediante as histórias contadas que o Si mesmo vai se constituindo. Estamos sempre contando histórias e ao contá-las formulamos conceitos a respeito de nós mesmos e do mundo que nos cerca.

Nessa concepção, o Si mesmo é moldado no papel de um narrador, de um construtor de narrativas sobre uma vida. Ao narrar, o sujeito altera o passado à luz do presente, chamada reflexividade humana. Essa capacidade do sujeito de voltar ao passado e alterar o presente, ou vice-versa, revela uma transitoriedade do passado e do presente na vida do mesmo. O Si mesmo está em uma contínua construção. Outra capacidade do Si mesmo é de visionar alternativas, o sujeito sempre vai encontrar outras formas de agir, de ser e de lutar perante as adversidades da vida. “E este, usando as capacidades de reflexão e de visionamento de alternativas, subtrai-se, aceita ou reavalia e reformula o que a cultura tem para oferecer.” (BRUNER, 1997, p. 97).

Os aspectos históricos da nossa cultura não deixam de influenciar na autoconcepção do sujeito, questões de cunho religioso, político, crenças familiares estão sempre permeando a autopercepção do sujeito. Sendo assim, ao mesmo tempo em que o sujeito é um produto das histórias da sua vida, ele também é o agente autônomo dessas histórias.

A psicologia social é interpretativa e indaga as regras em que os seres humanos se baseiam ao criarem significados em contextos culturais. No âmbito da narrativa, é muito mais importante para apreciar a condição humana, entender os modos como os seres humanos constroem seus mundos, do que se preocupar com a veracidade dos fatos (BRUNER, 1998). Para tal, é necessário colocar em suspenso descrenças, preconceitos e julgamentos e aceitar a narrativa, considerando sempre a realidade psicológica do sujeito.

Mediante negociações constantes com o outro, o sujeito se relaciona com o mundo, nomeadas como “transações” sociais. Essas negociações (transações) só se fazem possíveis, graças ao domínio da linguagem, que nos fornece regras para gerar enunciados bem formulados e conseqüentemente efetuar uma comunicação necessária para essa partilha. A linguagem é nosso principal meio de referência que age sobre as pressuposições compartilhadas possibilitando assim, o processo de negociação. Ao

negociar, o sujeito infere pressupostos sobre o pensamento do outro. Atingir a referência conjunta é atingir um tipo de solidariedade com alguém, é uma experiência transformadora.

A junção de várias palavras e expressões constitui junto com a referência linguística, a construção do significado. Contudo, sempre haverá ambiguidade no significado, porque não há limite para as maneiras pelas quais as expressões podem se relacionar umas com as outras. Quando se trata da linguagem verbal, não se pode esperar um sentido único, a ambiguidade faz parte da natureza humana e, portanto, da linguagem humana. Na conversação buscamos novos sentidos e novas formas de nos expressarmos; essa busca por novos significados compõem o ato de transacionar, de negociar. Além disso, a linguagem humana é capaz de estabelecer realidades próprias. “Criamos realidades advertindo, encorajando, dando títulos, denominando e pela maneira no qual as palavras nos convidam a criar “realidades” no mundo para corresponder a elas”. (BRUNER, 1998, p. 69).

Quando transformamos nossos processos mentais em produtos, tornamos o privado em público, e compartilhamos realidades. A linguagem é mais que uma simples locução, e os significados encontrados nela, estão para além do que realmente foi dito. Ao utilizarmos a linguagem, estamos utilizando a cultura, e tudo que nela está inserido. A linguagem cria e transmite cultura, e situa nosso lugar nela. Nesse sentido, Bruner (1998), denomina o *self* de *Self* Transacional, aquele que está em constante negociação com os outros e que se constitui nesse processo transacional. A maioria de nossas abordagens do mundo é mediada na negociação com o outro, jamais haverá um *self* independente da existência cultural-histórica.

POSICIONAMENTO E PRÁTICAS DISCURSIVAS SOB AS PERSPECTIVAS DE ROM HARRÉ

O conceito de posicionamento neste estudo está relacionado aos aspectos dinâmicos dos encontros sociais e à prática discursiva como forma de um indivíduo se posicionar no meio social. O posicionamento pode ser considerado como um fenômeno conversacional e de interação social, no qual o indivíduo se constitui e reconstitui em um processo dinâmico (DAVIES; HARRÉ, 2007). Nesta perspectiva, a teoria do posicionamento pode ajudar aos analistas sociais na compreensão do papel social de um indivíduo. A crítica desses autores ao conceito de desempenho de papéis baseia-se na ideia da localização social do indivíduo ser percebida de uma forma estática e um tanto rígida para adequar-se em todas as ocasiões da vida de uma pessoa. Ao invés de papéis e regras fixas, essa perspectiva apresenta a posição social de um indivíduo como algo mutável, negociável, que pode ser desafiada e reversível. Dessa forma, um indivíduo pode deslocar sua posição nas relações interacionais.

A teoria do posicionamento estuda a forma como as pessoas se posicionam socialmente, através das práticas discursivas (VAN LANGENHOVE; HARRÉ, 2016). O posicionamento é considerado um fenômeno conversacional, ou seja, um indivíduo se posiciona ou é posicionado por meio das práticas discursivas. A conversa é assim, uma importante ferramenta de interação social. A conversação é considerada como um conjunto de “atos de fala”. A linguagem em uso está sempre envolvida com a execução de ações e atos de diversas espécies. Essas ações e atos formam o que os autores denominam de práticas discursivas. “Uma prática discursiva é o uso repetido e organizado de algum sistema de sinais, no qual esses usos são intencionais, isto é, dirigidos a ou para algo” (HARRÉ, GILLET, 1999, p. 31). Ainda de acordo com os autores, o conceito de intencionalidade não deve ser entendido como um ato consciente, pois nem sempre usamos a nossa fala dessa forma. Além disso, as práticas discursivas estão sempre submetidas a padrões de correção; a estrutura organizada de uma conversa é mantida por normas de adaptação e correção.

Vale ressaltar que o termo normas de correção se difere das regras estabelecidas e fixas no que diz respeito ao modo como o conceito “conversa” é visto na psicologia discursiva. Essa perspectiva utiliza a ideia de convenções de narrativa para designar essa conversação, como uma expressão dos modos pelos quais contamos histórias em nossa cultura. Desse modo, a “conversa” é vista como uma forma de interação social que resulta em produtos também sociais, que pode ser realizada de forma verbal ou não verbal. Uma conversa acontece por meio de uma ação conjunta de todos os envolvidos nela, e seu rumo não é previsível, exceto em algumas ocasiões com temas pré-determinados. O que é dito evolui à medida que a conversa se desenvolve e o orador pode mudar seu ponto de vista nessa mesma conversa, o que o autor denomina de ato de fala reversível. (DAVIES; HARRÉ, 2007). Nessa conversação, o indivíduo ocupa um determinado lugar, uma posição. Porém para que esse lugar seja legitimado se faz necessário que seus direitos sejam reconhecidos.

A teoria do posicionamento está intimamente ligada à questão de direitos, deveres e obrigações sociais. De acordo com essa perspectiva, o posicionamento dos universitários com NEE no contexto acadêmico, está atrelado ao reconhecimento dos seus direitos e deveres dentro da universidade. Considerando que a aceitação das diferenças em nossa sociedade ainda é algo recente e caminha a lentos passos, podemos pensar nas barreiras que esses universitários precisam superar para conquistar seus lugares, suas posições.

“Uma posição, é um conjunto de direitos, deveres e obrigações como pessoa falante, particularmente com relação ao que temos chamados de força ilocutiva ou social do que se pode dizer.” (HARRÉ; GILLET, 1999, p. 35). A legitimidade da fala de cada indivíduo pode estar relacionada à

posição social que ele ocupa, assim cada ato de fala possui uma força ilocutiva, seu poder social. Dependendo do contexto, da natureza e do status social desse indivíduo, seu ato de fala pode ter uma determinada força ilocutiva, ou seja, o significado social do que é dito depende da posição que esse orador ocupa. À vista disso, podemos refletir sobre os diferentes atos de fala em um contexto acadêmico, o enunciado de um docente, de um reitor, de um universitário e de um universitário com necessidades educacionais específicas trazem em sua natureza posições diferentes.

Voltando nosso olhar especificamente para o universitário com NEE, indagações acerca da sua posição, da sua fala e do significado social dessa fala no contexto acadêmico, emergem nesse estudo de forma significativa, haja vista o processo de inclusão/exclusão social na qual ainda vivemos. A teoria do posicionamento vem discutir exatamente essa questão, nela as posições podem ser negociadas e mutáveis. “O posicionamento salienta a importância de “dar sentido a uma situação” enquanto participamos dela e de acordo com as nossas percepções a seu respeito” (HARRÉ; GILLET, 1999, p. 36).

Contudo, o posicionamento só se faz possível no processo discursivo, onde os “selves” são situados. O Si mesmo é construído através do discurso em situações interações, não como um produto final e rígido, mas como aquele sujeito que é constituído e reconstituído através das práticas discursivas. Por isso, o termo “selves”, uma vez que em um mesmo discurso, o sujeito pode se posicionar ou ser posicionado de diferentes formas e diferentes possibilidades. O “eu” está envolvido na continuidade de uma multiplicidade de “eus”.

Em uma conversação, as posições estão longe de assumirem lugares fixos, em um determinado momento um indivíduo pode posicionar o outro, que pode aceitar ou rejeitar essa posição. Um indivíduo pode se posicionar e ser aceito ou não, também pode acontecer das posições serem alteradas numa mesma conversação. Nesse processo dinâmico, a relação entre o posicionamento e a força ilocutiva dos atos de fala pode envolver a criação de outros posicionamentos por outro participante. Toda conversa traz em si a narração de uma ou mais histórias pessoais e os indivíduos envolvidos nessa conversação são levados a organizar a lógica dessas “linhas de história”.

Vários aspectos organizam uma linha de história, como os personagens, o fato, as questões morais, etc. As linhas de história na narrativa descrevem fragmentos da vida. Ao narrar parte da sua história, o indivíduo atribui significados a si mesmo e aos outros. Não somente indivíduos diferentes podem atribuir significados diferentes em uma mesma situação, como o mesmo indivíduo pode mudar seu ponto de vista e sua posição, ora esse indivíduo pode estar na posição de “diretor” de uma “peça

teatral”, ora ele pode estar localizado como o “ator”, ora como o “ator principal”, ora como “ator coadjuvante”. (DAVIES; HARRÉ, 2007)

A possibilidade de múltiplas escolhas se apresenta para esse indivíduo, que pode ou não entrar em conflito com essas possibilidades, mediante sua natureza ambígua. A vida cotidiana pode trazer diferentes desdobramentos nos quais o indivíduo é constituído. Em determinada situação, esse indivíduo pode se localizar em uma determinada posição, porém em outro momento em outra posição, pode até assumir posições múltiplas ou contraditórias, ou recusar uma posição e negociar outra. A dinâmica do posicionamento, traz em seu âmago, possibilidades de escolhas em meio a uma multiplicidade de “eus”.

Esse não é um processo simples. Podemos pensar em questões como: Por que algumas pessoas fazem determinadas escolhas e outras não? Por que algumas se posicionam conforme suas escolhas, enquanto outras parecem não ter responsabilidades pelas suas posições?

Fazer uma escolha não é uma tarefa simples, decidir o que fazer, decidir o que falar, decidir aonde ir, e até decidir quem ser, envolve tantas variáveis, que muitas vezes estão entremeadas pelas nossas experiências passadas e seus aprendizados, considerando sempre o contexto social em que estamos inseridos.

Ao longo de nossas vidas aprendemos que a necessidade de ter coerência, a “fazer a coisa certa”, a ser estável e a ser racional, no entanto deparamo-nos com nossas inerentes ambiguidades cotidianamente, e por não as reconhecer como legítimas, lutamos contra elas, e entramos em constantes conflitos. Temos a tendência em buscar escolhas racionais e conscientes, como se isso fosse sempre possível. Mas, para agir racionalmente, as contradições necessitam ser remediadas, evitadas. No entanto, são as escolhas contraditórias que nos possibilitam tomar uma posição e agir agenticamente.

Essa perspectiva questiona a participação do indivíduo em suas escolhas. Ao invés de permanecer como um mero expectador da sua própria vida, por meio da prática discursiva pode tornar-se um agente ativo com um senso de responsabilidade e comprometimento em seu próprio discurso. A concepção de sermos seres únicos não significa que tenhamos que ter uma única história e de forma sempre consistente. “Uma vez que muitas histórias podem ser contadas do mesmo evento, então cada um de nós tem muitos possíveis eus coerentes.” (DAVIES, HARRÉ, 2007, p. 25).

Nossas histórias não estão separadas do nosso contexto social, assim como nossos discursos não se dissociam dos discursos dos outros. Em nossa vida cotidiana experimentamos posicionamentos múltiplos e contraditórios, muitas vezes somos posicionados na vida sem termos escolha, como por exemplo, o lugar em que nascemos e vivemos e conseqüentemente os aspectos socioculturais e políticos desse lugar. Sendo assim, existirão práticas e costumes que, de alguma forma, limitarão as posições das

pessoas. Essa limitação é denominada como causação social. Somos indivíduos atravessados pelo nosso contexto social e por esse motivo, não temos o controle de tudo em nossas vidas. Por esse ângulo, nascer com alguma deficiência física ou intelectual, ou assumir-se nesta condição ao longo da vida pode ser considerado por si só como um fator limitante no posicionamento de uma pessoa. Contudo, essas significações são revisáveis.

Dependendo do ambiente e da situação em que um indivíduo se encontre, ele pode se posicionar de diferentes formas, pode escolher em qual posição pretende se localizar. Quando esse ambiente se apresenta de forma não ameaçadora, é natural que se sinta confortável para negociar sua posição, resistir a um discurso ou afirmá-lo. Ou seja, localizar-se nele e ser capaz de lidar com tensões naturais das relações dialógicas. Agimos livremente na medida em que podemos negociar. Ao buscarmos sentido para as nossas vidas, nos posicionamos diante dela e por meio das habilidades discursivas, vamos conquistando nosso lugar, sem a ilusão de que ele seja definitivo. Tornamo-nos agentes ativos das nossas próprias histórias, adquirimos um senso da nossa responsabilidade, assumimos compromissos mútuos e nos apropriamos do nosso lugar social.

O indivíduo como um agente ativo é aquele que inicia uma ação, significa essa ação, e ele próprio tem um papel produtivo em sua atividade consciente. Ao assumir uma determinada posição, o indivíduo assume também pontos de vista próprios e juntamente com eles conceitos, imagens, metáforas e linhas de história bem particulares. Essa forma particular de ver e entender o mundo exerce uma influência significativa na sua prática discursiva e na interação com o outro.

RELAÇÃO ENTRE O SI MESMO E POSICIONAMENTO PRESENTES EM NARRATIVAS DE UNIVERSITÁRIOS COM NEE

Identificamos nas narrativas dos quatro universitários entrevistados, que no início de suas jornadas acadêmicas, eles se perceberam com medo, desânimo, cansaço e desesperança. Esses sentimentos, de alguma forma, os paralisavam e os faziam se posicionar no lugar de indivíduo passivo, que se submete a um contexto construído para pessoas ditas normais, nesse caso, o contexto acadêmico. A maioria das universidades ainda não está preparada para atender as diferentes demandas estudantis. Preponderantemente, as estruturas físicas e pedagógicas das Instituições de Ensino Superior (IES) não foram construídas e elaboradas para lidarem com as diferenças (CIANTELLI; LEITE, 2016). Desse modo, os universitários com NEE não encontraram nesse cenário as condições necessárias para recebê-los. Por conseguinte, esse “não lugar”, acaba por produzir sentimentos de menos valia, de insegurança e de exclusão (OLIVEIRA, 2015).

O ambiente pode interferir no posicionamento de um indivíduo (DAVIES; HARRÉ, 2007). Logo, se o universitário com NEE se percebe em um ambiente hostil, seu posicionamento tende a ser o de não agentividade, ou seja, de espectador da sua própria trajetória. Da mesma forma, a autopercepção também sofre essa influência e os universitários da pesquisa colocam em questionamento se a universidade é realmente seus lugares, conforme revela a narrativa do universitário Pedro.

[...] e quando você vê que a realidade é muito diferente daquilo que você imaginava; que não tem apoio pedagógico, não tem assistência necessária para que você possa começar e ser inserido de uma forma correta, ... eu fui recuando. Porque isso foi me causando certo medo também. E até certo receio, e fiquei pensando: será que esse é o meu lugar? Será que eu deveria estar aqui? (PEDRO).

O sentimento de medo verbalizado por Pedro o fez recuar e se posicionar como uma pessoa que talvez não merecesse estar naquele lugar, na universidade. Afinal, ele percebeu a IES como feita para receber estudantes sem nenhuma limitação, pelo menos aparente.

É perceptível nesse exemplo, a relação entre um Si mesmo fragilizado e um posicionamento de submissão ao sistema. Todavia, ao mesmo tempo em que esses universitários se questionavam se deveriam estar na universidade, outros sentimentos despertavam neles a coragem de lutar por esse lugar. Utilizando o exemplo do próprio Pedro, podemos identificar esse fato.

Dessa dificuldade que foi para conseguir o mínimo necessário para que eu continuasse no curso, foi me gerando certo desespero, porque eu não queria começar algo e desistir. Mas também foi me gerando certa motivação. E essa motivação eu acho, que é uma coisa que eu particularmente, tento olhar para isso e não desistir. (PEDRO).

Podemos associar esse relato sobre estar com medo e ao mesmo tempo não querer desistir da sua meta, ao processo de contínua constituição do Si mesmo (BRUNER, 1997). Um Si mesmo em constante transformação, que se constrói tanto de dentro para fora, quanto de fora para dentro. Um Si mesmo que se reinventa em meio ao contexto cultural, que visiona possíveis alternativas.

Logo, se o Si mesmo se redescobre e se reinventa, seu lugar no contexto social não pode ser fixo. Sua posição também é mutável e reversível. Ao se perceber como um universitário que tem os mesmos direitos de aprender que seus pares, o estudante com NEE reivindica outra posição no ambiente universitário. Entra em cena o Si mesmo que dialoga que interage que transaciona, e enfim, que se posiciona. Posicionamento esse que acontece por meio da prática discursiva que tem a função de possibilitar do sujeito se deslocar de lugares sociais pré-determinados. No caso desta pesquisa, os universitários com NEE ainda ocupam o lugar reservado para a minoria social, o lugar de exclusão, mas buscam mudar esta realidade.

Ao narrar, o sujeito ressignifica suas próprias questões. Foi possível observar nas narrativas, que esses universitários construíram e reconstruíram intersubjetividades e conseqüentemente se posicionaram de diferentes formas e diferentes possibilidades. Esse processo pode ser observado na narrativa de José, quando o mesmo, por meio da prática discursiva, sugere soluções para as suas próprias demandas e assume a responsabilidade do seu próprio aprendizado.

Eu tive que sugerir uma ideia para a Professora do NAIRural. Que era eu mesmo levantar dentro da sala de aula, nomes de colegas voluntários que me acompanhassem até o ponto de ônibus. E nas provas, eu comunico a tutora. Eu é que estou organizando tudo, eu que organizo o nome dos colegas, faço um grupo. (JOSÉ)

Quando os universitários participantes desta pesquisa começaram a se posicionar proativamente, assumindo a suas próprias histórias, eles começaram a se sentir mais fortes, e assim, iniciaram um processo de emancipação. Ao se sentirem empoderados, eles assumiram outras posições. A posição de luta, a posição de alguém que se valoriza e que se reconhece como um estudante universitário com direitos a serem garantidos.

Ao assumirem outras posições, eles se perceberam como ativos nas suas próprias histórias, reescrevendo suas jornadas acadêmicas e revertendo aos poucos, o lugar de exclusão social. Essa mudança de lugar social, neste caso, a mudança de posições no contexto universitário, fomentou também mudanças na autopercepção dos universitários com NEE, participantes desta pesquisa.

Ao ser indagada, durante a entrevista, sobre qual mensagem Joana, universitária com deficiência visual, gostaria de deixar para os outros universitários com NEE, respondeu:

Primeiro, para as pessoas não terem vergonha para falar. Fala mesmo! Eu nunca tive vergonha de falar que eu tinha uma filha com deficiência. E quando eu descobri a minha, não era aquela questão de vergonha, era aquela questão de você achar que vão julgar sua capacidade. E não é uma questão de arrogância, mas eu sei da minha capacidade, entendeu? (JOANA).

Nessa fala, Joana já não demonstra ter vergonha das suas próprias limitações e ainda, afirma a sua própria capacidade. Assim como, na fala abaixo, José reconhece ter ganho mais autonomia.

Outra coisa que mudou também foi a minha autonomia como indivíduo, porque o estudo dá isso pra gente, eu tinha uma profissão, mas não tinha autonomia intelectual. (JOSÉ).

Desse modo, ao assumirem com responsabilidade essas outras posições, principalmente a de um universitário com os mesmos direitos dos outros para aprender e concluir seu curso, nossos entrevistados se sentiram fortalecidos e até se uniram para a luta desses direitos, por meio das práticas discursivas.

E eu comecei a sentir menor peso quando eu vi que as coisas começaram a acontecer. Já não é tão mais difícil hoje para um aluno com deficiência que a instituição o escute, porque o pontapé foi dado. Não só por mim, mas a questão de chegar à instituição e

começar a movimentar algo que até então era só para os professores, para um grupo pequeno de alunos que estavam realmente interessados politicamente. (PEDRO).

Voltando para o caso da inclusão, é uma tragédia o aluno ingressar no curso superior e não ter condições de dar continuidade. Por isso é interessante o desenvolvimento dessa pesquisa e todos nós, alunos, estarmos atentos para saber o que a gente pode fazer para que a barreira que outro enfrenta possa ser diminuída e para que haja a inclusão de fato. Porque a inclusão existe por parte da Universidade que abrange a estrutura física e as questões pedagógicas. Mas também por parte de nós colegas que podemos nos relacionar com esse aluno. (ANTÔNIO)

As falas de Pedro e Antônio representam as demais narrativas dos universitários desta pesquisa. Deste modo, verificamos que os quatro universitários entrevistados demonstraram a capacidade de reversibilidade e de mudança de posicionamento. Fato esse que nos leva a pensar que a mudança de posicionamento pode estar relacionada à mudança da auto percepção, e vice-versa.

Considera-se que o ser humano tenha a possibilidade de fazer história em um lugar ativo de leitura da realidade e de exercitar seu poder de optar, negociar, transformar sua forma de ser e agir no mundo. Como sujeito histórico, que em suas ações e interações vai construindo os capítulos de sua vida, ele pode assumir um papel principal ou secundário na narrativa, ou até mesmo apenas uma figuração no discurso do outro. (OLIVEIRA; SATRIANO, 2014, p. 260)

Foi possível perceber que existe uma estreita relação entre o Si mesmo e o posicionamento. O posicionamento do sujeito influencia na auto percepção, assim como a auto percepção fomenta diferentes posicionamentos em contextos, enquanto processo dinâmico, aberto e sistêmico. Enfim, observou-se que os universitários com NEE produzem reflexões orientados a caminhos e possibilidades, que oportunizem um processo de educação genuíno e emancipador. Este estudo aponta para a potência das narrativas destes universitários, a força das palavras e atos, bem como a relevância do posicionamento em processos de percepção de si para legitimar direitos e deveres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo revelou a existência da relação entre Si Mesmo e posicionamento através da análise narrativa dos universitários com NEE entrevistados. Eles conquistaram novas posições e demonstraram ser capazes de atuar como sujeitos autônomos no ambiente acadêmico. Porém, esse não é um processo fácil, pelo contrário, esses universitários enfrentam batalhas diárias, que exigem muito esforço por parte deles e, na maioria das vezes, é um doloroso processo, uma vez que são eles que precisam provar que são capazes.

A partir das suas próprias narrativas, os universitários com NEE tiveram oportunidade de se expressarem e se posicionarem, além da possibilidade de autoconhecimento e tomada de consciência. No processo de narrar a própria história, eles puderam se situar no lugar de um estudante universitário, produzindo novos significados para esse lugar, criando novas realidades e novos posicionamentos.

Contudo, questões relacionadas às diferenças não deveriam mais fazer parte do cotidiano universitário. A sociedade necessita romper com esse paradigma da diferença por meio de ações éticas e políticas. Nada melhor do que ouvir os próprios universitários com NEE para a reflexão de possíveis novas ações.

Considerando o objetivo central desse estudo, no qual constatamos que a autopercepção está vinculada a percepção do outro e que o Si mesmo se constitui nas inter-relações, é de extrema relevância, questionarmos a inacessibilidade atitudinal encontrada no ambiente universitário. Necessitamos enxergar as pessoas para além das suas limitações aparentes, afinal todos os indivíduos trazem consigo algum tipo de limitação. Nessa perspectiva, todos os universitários, com o NEE ou não, apresentam alguma limitação. Mas, todos também, apresentam a capacidade do aprendizado e do exercício da cidadania.

É o nosso olhar que precisa ser redirecionado. Se vivemos interconectados como numa grande teia, devemos nos preocupar com o bem-estar de todos. Refletir sobre estratégias e ações direcionadas para os estudantes com NEE, é refletir sobre todo o ambiente universitário, quando toda a comunidade acadêmica terá ganhos significativos.

Referências

BRASIL. Portal Governo do Brasil, em 23 de março de 2015. Dados do Censo Escolar indicam aumento de matrícula de alunos com deficiência. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2015/03/dados-do-censo-escolar-indicam-aumento-de-matriculas-de-alunos-com-deficiencia>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

BRUNER, Jerome. Atos de significação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. Realidade mental, mundos possíveis. Porto Alegre: Artmed, 1998.

CIANTELLI, Ana Paula C; LEITE, Lúcia Pereira. Ações Exercidas pelos Núcleos de Acessibilidade nas Universidades Federais Brasileiras. Revista brasileira de educação especial. vol.22. no. 3, Marília/SP. July/Sept. 2016. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382216000300008>. Acesso jul. 2018.

DAVIES, Bronwyn; HARRÉ, Rom. Positioning: The Discursive Production of Selves. Journal for the Theory of Social Behaviour 2007; disponível em doi: 10.1111/j.1468-5914.1990.tb00174. x. Acesso em janeiro de 2016.

GERMANO, Idilva Maria Pires. Aplicações e implicações do método biográfico de Fritz Schütze em Psicologia Social. XV Encontro Nacional da ABRAPSO. 2009. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/28099>. Acesso em nov. 2017.

HARRÉ, Rom; GILLET, Grant. A mente discursiva: Os Avanços na Ciência Cognitiva. Porto Alegre: Artmed, 1999.

OLIVEIRA, Suzi Brum, O Não-Lugar na Universidade: Espaços de Isolamento e sua Influência na Construção da Identidade. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus Seropédica, RJ, 2015. Disponível em <<https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/2011>> Acesso em setembro de 2016.

OLIVEIRA; Valéria Marques; SATRIANO, Cecilia Raquel. Narrativa, subjetivação e enunciação: reflexões teórico-metodológicas emancipatória. Linhas Críticas, Brasília, DF, v.20, n.42, p. 257-282, mai./ago.2014. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/articloe/view/4275/3907>>. Acesso em agosto de 2016.

REIS, Rosane C. D. Inclusão em Educação: Fronteiras entre a Política Institucional e os Movimentos Instituintes do Atendimento Educacional de Estudantes Público-alvo da Educação Especial na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus Seropédica, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <<https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/1539>>. Acesso em agosto de 2016.

VAN LANGENHOVE, Luk; HARRÉ, Rom. Posicionamiento y autobiografía: el relato de vida. Revista de Educacion, ano 7, n. 9, p. 77-88. Facultad de

Humanidades, Universidad Nacional de Mar del Plata,
Argentina, 2016. Disponível em:
<<https://pt.scribd.com/document/381290330/revista-de-educacion>>. Acesso em 02 maio 2017.

Recebido em: 08/09/2019

Aceito em: 30/11/2019

Endereço para correspondência:

Nome: Monica Oliveira Ribeiro

Email: mo.ribeiro@hotmail.com



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).